



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**HANIEL L. C. S. MOREIRA**

**EPIDEMIAS PSICOLÓGICAS SOB ANÁLISE SISTÊMICA**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

HANIEL L. C. S. MOREIRA

**EPIDEMIAS PSICOLÓGICAS SOB ANÁLISE SISTÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de monografia, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia

**Área de concentração:** Ciências Humanas.

**Orientador:** Prof. Jorge Dellane da Silva Brito

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M838e Moreira, Haniel Lucas de Carvalho Silva.  
Epidemias psicológicas sob análise sistêmica [manuscrito] /  
Haniel Lucas de Carvalho Silva Moreira. - 2024.  
50 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito,  
Departamento de Psicologia - CCBS. "

1. Neuropsicanálise. 2. Epidemias psicológicas. 3. Histeria  
coletiva. 4. Neurociência afetiva. I. Título

21. ed. CDD 150

HANIEL L. C. S MOREIRA

EPIDEMIAS PSICOLÓGICAS SOB ANÁLISE SISTÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 01/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Jorge Dellane da Silva Brito (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Livânia Beltrão Tavares  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Thiago Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## RESUMO

Com a carência de trabalhos sobre epidemias psicológicas no Brasil, esta monografia trouxe fontes estrangeiras no formato de revisão bibliográfica em cunho de pesquisa exploratória para fundamentar o chão para futuras pesquisas com viés clínico além de apresentar uma nova perspectiva de análise do intercâmbio de informações afetivamente relevantes entre humanos e objetos. Esta tese mostra que epidemias psicológicas se propagam tanto através de linguagem verbal quanto não-verbal, incluindo objetos, provocando induções comportamentais em sujeitos que não conseguem absorver as novas informações sem abalar seu equilíbrio emocional. Assim, alguns objetos na cultura são mais ou menos relevantes para nós a depender das expectativas e do estado emocional, e cujo tom emocional e comportamental pode se espalhar, induzindo e afetando assim as pessoas e o ambiente. Esta revisão bibliográfica tem sua tese ilustrada com vários exemplos diferentes.

**Palavras-Chave:** epidemias psicológicas; histeria coletiva; neurociência afetiva; neuropsicanálise;

## ABSTRACT

With the lack of studies about psychological epidemics in the context of Brazil, this article brought international sources in a literature review and exploratory research formats to lay ground for future research in clinical psychology, in addition to presenting a new perspective of relevant affective information interchange analysis between humans and objects. This thesis shows that psychological epidemics spread through both verbal as well as non-verbal language, including objects, provoking behavioral inductions in subjects that cannot assimilate the new information without disturbing its emotional balance. Some objects in the culture are more or less relevant depending on the expectations and the actual emotional state, and whose emotional and behavioral tone can spread, affecting more people and the environment. This literature review illustrates this thesis in the light of multiple examples.

**Keywords:** psychological epidemics; collective hysteria; affective neuroscience; neuropsychanalysis;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Epidemias e Propagação de Ideias	7
Figura 2	Priorização do Instinto de Brincadeira	12
Figura 3	Correlação entre Emoções e Traços de Personalidade	17
Figura 4	Sistema Hierárquico do Processamento de Informações	24
Figura 5	Garota Hidrocefálica	32
Figura 6	Fotografia do Momento do Assalto	44

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>VALÊNCIA EMOCIONAL.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>O CORPO CIBERNÉTICO .....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>SOBRE A CONSCIÊNCIA.....</b>	<b>30</b>
<b>5</b>	<b>EPIDEMIAS PSICOLÓGICAS E ANÁLISE DE CASO.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno das epidemias psicológicas é, sem dúvida, um assunto muito chamativo e foi fruto de diversas pesquisas no exterior. Aqui no Brasil, infelizmente, a literatura sobre tais fenômenos é escassa. Inicialmente este trabalho era dedicado apenas a estudar este fenômeno, mas com a escassez de literatura específica, vi-me na necessidade de criar uma introdução aos estudos de epidemias psicológicas aqui no Brasil.

**Figura 1** — Epidemias e Propagação de Ideias



Fonte: Elaborada pelo autor, 2023.

A mente humana não está apenas em sua cabeça, mas em seus arredores. Os objetos mudam a depender de nossos objetivos e estados emocionais.

Encontrei em minhas pesquisas ao menos quatro ramos da psicologia que estudam a sugestão em massa e/ou ambiental na psique humana: a psicologia ambiental; a ciberpsicologia (que estuda o impacto da internet nas pessoas); a psicologia da publicidade que pode ser encontrada dentro do ramo de psicologia econômica e a psicologia Gestalt também estuda este impacto com viés clínico através do conceito que chamam de *field*, ou campo e engloba tanto aspectos

espaciais quanto grupais. Outros ramos do saber também se interessam em particular por epidemias psicológicas, tais como a sociologia e a medicina.

Cabe ressaltar que em minhas pesquisas não encontrei uma diferença direta entre histeria coletiva e epidemia psicológica, com a histeria coletiva sendo apenas um tipo de epidemia psicológica possível e caracteriza-se pelo desenvolvimento de sintomas orgânicos sem nenhuma causa identificável. Além disso, alguns autores optam por não usar o nome “histeria coletiva” e preferem nomes como adoecimento sociogênico; adoecimento em massa; adoecimento psicogênico e epidemia psicológica.

A definição médica de histeria coletiva é esta a seguir e parece ser a definição comum também na psicologia:

This outbreak has many of the features classically associated with mass psychogenic illness. Mass psychogenic illness has been defined as a constellation of symptoms suggestive of organic illness but without an identified cause in a group of people with shared beliefs about the cause of the symptoms.

A explosão de muitos aspectos classicamente associado com adoecimento psicogênico em massa. O adoecimento psicogênico em massa foi definido como uma constelação de sintomas sugestivos de doenças orgânicas mas sem uma causa identificada em um grupo de pessoas com crenças compartilhadas sobre a causa dos sintomas.

— Timothy Jones, et.al. 2000, apud. Philen RM, et. al. 1989. (Tradução Própria)

Freud falou sobre o fenômeno da histeria enquanto neurose de conversão.

Ele diz:

Para que a neurose surja, é necessário que haja uma incompatibilidade entre o ego e a representação que se aproxima dele. A neurose surge da luta do ego no relacionamento que ele tem com essa representação. A histeria consiste na representação corporal deste conflito, também chamado de conversão histérica, além duma emoção específica relacionada ao sintoma.

— FREUD, p.134, 2014.

A partir da definição freudiana, eu defino a epidemia psicológica por sua invasão a esquemas mentais aprendidos e que não conseguem apreender o fenômeno sem abalar seu equilíbrio emocional. Assim, a pessoa é consumida pelo tom emocional que é propagado e seu conteúdo é manifesto no corpo.

Não faço neste trabalho uma diferenciação entre histeria coletiva e epidemia psicológica, com os dois termos sendo sinônimos.

As fontes brasileiras que se referem a estes termos são escassas. Ao pesquisar por “histeria coletiva” na Scielo (*Scientific Eletronic Library*), apenas 2 resultados apareceram. Ao pesquisar no Scholar Google, mais resultados aparecem, porém quase nenhum tratando de histeria coletiva, de modo que apenas 2 (incluindo um primeiro da Scielo) foram encontrados a tratar deste tema em específico, um porém se tratando de ciências criminais e outro fazendo um comentário da histeria enquanto estrutura. Outros termos como “adocimento sociogênico” ou “adoecimento psicogênico” não obtiveram nenhum achado (Pesquisa realizada em 11/05/2023). Nem mesmo o repositório de palavras-chave da UEPB possui as palavras: epidemia psicológica, histeria coletiva ou adoecimento sociogênico (Pesquisa realizada em 25/06/2023). Para este trabalho, foram utilizados principalmente fontes do estrangeiro com destaque à Neurociência Afetiva de Jaak Panksepp e a Neuropsicanálise de Mark Solms. Outros autores e fontes foram utilizados de maneira auxiliar à esta linha principal de argumentação.

Assim, este trabalho é composto por quatro partes: (1) descreve o que é valência emocional e ambiente de ideias; (2) descreve o corpo cibernético enquanto entidade de interação com o ambiente; (3) defende a visão da consciência enquanto disposta em qualidades diferentes na personalidade e (4) uma análise sumária destes conceitos aplicada no contexto do assalto ao Campus I da Universidade Estadual da Paraíba em 2019.

## 2 VALÊNCIA EMOCIONAL

A psicologia está mais interessada em como as informações são decodificadas e percebidas do que nos objetos em si mesmos, pois embora o ambiente disponha de inúmeras informações, apenas uma pequena fração delas possuem valor emocional. Esta distinção entre o ambiente enquanto entidade empírica faz parte do que Peterson chama de “fórum de ação” (2018).

O mundo pode ser validamente interpretado como um fórum de ação, bem como um lugar de coisas. Nós descrevemos o mundo como um lugar de coisas, usando os métodos formais da ciência. Contudo, as técnicas de narrativa – mito, literatura e drama – retratam o mundo como um fórum de ação. (...) O domínio da primeira é o mundo objetivo – o que é, a partir da perspectiva da percepção intersubjetiva. O domínio da última é o mundo do valor – o que é e o que deveria ser, a partir da perspectiva da emoção e da ação.

— PETERSON, 2018.

A relevância emocional determina a diferença entre uma casa e um lar. Uma casa é apenas um ambiente físico enquanto que o lar é um ambiente fenomenológico do fórum de ação e das emoções. Numa casa hipotética, temos um quadro de família pendurado na parede da sala de estar. O quadro em si possui mais importância e valor do que o prego que o pendura lá. O prego é vital para mantê-lo na parede, mas ele está subordinado ao quadro em termos de valor, e por esta razão, é inibido do campo perceptivo imediato. Este quadro possui um valor emocional constante ao longo do tempo, pois ele faz parte da identidade e do seu equilíbrio emocional. Em caso de incêndio este será um dos poucos itens que uma pessoa pode escolher salvar. O fogo de incêndio que irrompe naquele lar também possui valor emocional, embora negativo, pois ele desafia a realidade, a rotina e os padrões reconhecidos e revelará aquilo que há de mais importante — pois é justamente aquilo que será salvo.

A estabilidade emocional que representa o quadro e a força destrutiva do fogo representam a ORDEM e o CAOS respectivamente. Nossa percepção é moldada por aquilo que é relevante, e tudo que é relevante é CAOS (obstáculo, desprazer) ou ORDEM (caminho, prazer). Ambas as entidades aparecem dentro de

objetivos, necessidades, valores, emoções, instintos e expectativas em questão e só depois pelos detalhes factuais específicos dos objetos (PETERSON, p.114, 2018). Tudo aquilo que é dado como irrelevante sequer é percebido pelo organismo de modo consciente.

Alguns destes objetivos são pautados de maneira inata na forma de instintos, tal como ensina a Neurociência Afetiva. Segundo Panksepp (2012), temos 7 instintos: **BUSCA** (esperança, expectativa, interesse); **LASCÍVIA** (prazer, recompensa consumatória); **MEDO** (associado ao sistema de fuga ou luta); **RAIVA** (agressão, fúria, destrutividade); **DEVOÇÃO** (carinho, cuidados maternos); **PÂNICO** (estresse de separação, também associado ao luto); e **BRINCAR** (exploração, alegria).

Tais instintos foram colocados em maiúsculo para diferenciar do uso comum de tais palavras em contextos não-científicos. Estas nomenclaturas foram traduzidas por mim, pois os trabalhos de Panksepp ainda não foram traduzidos oficialmente para a língua portuguesa. Os nomes dados aos 7 instintos podem ser alterados no futuro mediante uma tradução oficial.

“Instinto” possui uma conotação negativa enquanto algo animalesco e sub-humano, porém, a realidade do instinto é tão boa ou ruim quanto a das emoções, que são utilizados aqui enquanto sinônimos, e que falam duma realidade *natural* e constituinte da natureza humana.

Cada uma destas emoções está sujeita ao seu próprio sistema de incentivos e punições, e por esta razão, podem ser refinadas e adaptadas em sua forma de expressão (KENNETH e CHRISTIAN, 2018). Por exemplo: a fome pode ser expressa na forma de um jantar com garfo e faca, ao invés de comer com as mãos. Podemos usar a mesma lógica de CAOS e ORDEM para estes sistemas. Cada pessoa terá uma noção de CAOS/Desprazer e ORDEM/Prazer diferente a depender de como opera seu próprio sistema emocional e cada emoção tem um tipo de prazer e desprazer diferente. Por exemplo: a sensação de relaxamento está subordinada ao sistema de MEDO e é experimentado como algo bom. Porém, a depender do contexto, o relaxamento pode ser visto como algo ruim, como por exemplo numa firma que possui supervisores rígidos e autoritários e que interpretam sinais de relaxamento como preguiça ou desleixo. Assim, o relaxamento, que está subordinado ao MEDO, é moldado e adaptado dentro daquele contexto enquanto algo ruim.

**Figura 2** — Priorização do Instinto da Brincadeira



Fonte: Krulwich, NPR (2014)  
<https://www.npr.org/sections/krulwich/2014/03/01/283993033/polar-bear-flip-flop-people-hated-then-loved-these-photos-what-changed> (Acesso em 09/12/23)

Este exemplo do mundo animal mostra o instinto de BRINCAR se sobrepondo e tomando prioridade frente aos instintos predatórios. Há vários outros exemplos como este onde animais de diferentes espécies conseguem comunicar suas intenções de BRINCAR e ambos engajam neste instinto. Deste modo, todas as informações que diziam respeito ao BRINCAR ficaram salientes enquanto que outras informações ficaram inibidas.

Em humanos, a ativação de fortes emoções pode inibir a operação do córtex (DAMÁSIO, et. al. 2000 apud KENNETH e CHRISTIAN, 2018). Nossos pensamentos e decisões são muitas vezes um *afterthought* (pós-pensamento) de um processo subcortical mais rápido e mais antigo. Isto é: nossas emoções decidem e só depois racionalizamos aquilo que decidimos. Isto não anula totalmente a função da consciência e do ego, pois ambos evoluíram para fins de aprimorar a capacidade de adaptação. Um ego forte é capaz de resistir e canalizar o fluxo

pesado de emoções para fins positivos. Este ato de canalização das emoções foi chamado por Freud de “sublimação.”

Uma das formas que nós, seres humanos, encontramos de canalizar as emoções foi através da abstração. Podemos combinar sons para construir linguagem verbal e criar mensagens mais sofisticadas do que seríamos capazes com apenas linguagem não-verbal devido à capacidade de abstração. Graças à capacidade de abstração podemos expressar, pensamentos, vontades e emoções no ambiente através de hábitos, ritos, objetos, ações, símbolos verbais e não-verbais.

A linguagem tem como função transmitir três coisas: pensamentos, vontades e emoções (JOSEPH, 2002). As três se propagam através de linguagem, seja esta linguagem mimética (corporais) ou verbal (mentais) (JOSEPH, 2002). Eu posso comunicar a alguém a “PARAR” ao estender minha mão com a palma aberta (mimético) ou posso dizer o mesmo verbalmente. O mesmo pode ser feito no reino animal ao mostrar os dentes e ralar em ameaça (expressão mimética da RAIVA), assim como alguns pássaros fazem uso de objetos para se expressarem de modo mimético<sup>1</sup>. O ambiente e objetos podem comunicar-se em linguagem mimética. Com isso, a valência emocional subjacente a tal linguagem também pode ser interpretada. Tais expressões tem o potencial de afetar não somente um indivíduo específico, mas vários, podendo assim ter efeitos de sugestão em massa.

Algumas expressões culturais possuem significado instintivo profundo. Estas expressões de tendências profundas humanas são chamadas por Jung de “arquétipos”, e são definidos por ele como um retrato imagético de nossos instintos.

O termo “arquétipo” é muitas vezes mal compreendido, julgando-se que expressa certas imagens ou temas mitológicos definidos. Mas essas imagens e temas nada mais são que representações conscientes: seria absurdo supor que representações tão variadas pudessem ser transmitidas hereditariamente. O arquétipo é uma tendência a formar essas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a “representações herdadas” e,

---

<sup>1</sup> Ptilonorrinquídeos, também conhecidos como pássaros-jardineiro, produzem ninhos para atrair fêmeas.

consequentemente, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas na nossa consciência (ou adquiridas por ela), nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e nos espantarmos quando se apresentam. **O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva**, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias. É preciso que eu esclareça aqui a relação entre instinto e arquétipo. **Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que chamo de arquétipos.**

— JUNG, 2016 (Grifado por mim)

Jung diz que os arquétipos não são imagens herdadas, mas são antes tendências inatas que geram tais imagens. Alguns padrões imagéticos podem ser associados dentro de um padrão instintivo, e é este padrão que é chamado de arquétipo, não a imagem em si a qual remete a um padrão instintivo. Este conceito só pode ser explorado na psicologia por um viés fenomenológico, que leva em conta a experiência e seu valor emocional tal como ela se apresenta. Alguns elementos da cultura possuem mais valor do que outros devido à sua ligação com o instinto.

Aqueles com viés empírico podem desconsiderar esta parte fenomenológica de meu trabalho. Porém, julgo a análise arquetípica jungiana como essencial se quisermos entendermos expressões em massa a nível mais profundo. Quando falo de expressões arquetípicas, estou falando de uma representação cultural de uma experiência que é coletiva, mas as raízes destas representações são instintivas. Podemos utilizar tais símbolos como uma ponte para acessar a teleologia das emoções das pessoas, e entender a teleologia das emoções é fundamental para entender epidemias psicológicas.

O sintoma emocional pode ser propagado com muito mais força por indução das pessoas do que de objetos, por mero efeito de manada. Seres humanos são criaturas sociais, e portanto, há uma pressão para se adaptar socialmente e fazer o que todos estão fazendo. Pessoas são supercondutoras de informações, principalmente se forem pessoas especiais como amigos, familiares ou autoridades, pois elas ocupam um lugar de importância em termos de valores e/ou afetos.

Indivíduos anônimos ou desconhecidos não possuem o mesmo valor a menos que sejam alvo de alguma expectativa especial. Por exemplo: dez indivíduos correndo num shopping podem não ser motivo para ativação do MEDO e PÂNICO, mas talvez, uma multidão correndo seja o suficiente para abalar até mesmo os mais imunes a tais emoções.

Os objetos também podem possuir grande relevância emocional. De acordo com Samuel Gosling (2002) o *link* entre indivíduos e seu ambiente está em três categorias: reivindicações de identidade (1), reguladores de pensamento (2) e resíduo comportamental (3). (1): reivindicações de identidade são declarações de intenções através de símbolos, bandeiras e coisas que você coloca no seu espaço físico que fala sobre você e o que você acredita; (2): uma segunda maneira de afetar o espaço é através de reguladores de pensamentos e emoções, como colocar fotos de momentos, objetos afetivos, lembranças que nos afetam; (3) a terceira é através de resíduo comportamental, onde fazemos muitas coisas em nossos espaços e o resíduo destes atos deixam um traço material. As três categorias podem se misturar e aparecer em simultâneo.

Em suas pesquisas, Gosling (2002) descobriu que alguns traços de personalidade do Big Five estavam atrelados a um padrão de configuração ambiental. O Big Five é um teste de traços de personalidade com amplo uso tanto na psicologia quanto em outras áreas como biologia genética e medicina. Gosling descobriu que pessoas extrovertidas (*extraversion*) tendem a ter fotos de mais pessoas em seus quartos, pois extrovertidos são mais sociáveis e gostam de pessoas; pessoas com conscienciosidade (*conscientiousness*) tendem a dispor de quartos mais organizados e duma disciplina maior; pessoas com abertura a experiência (*openess*) tendem a possuir mais objetos artísticos. É possível inferir alguns traços de personalidade a partir do seu ambiente pessoal, mas é difícil inferir estabilidade emocional (*neuroticism*) e agradabilidade (*agreeableness*) no ambiente.

*Question 1 asked whether observers agreed in their ratings of target occupants based purely on the occupants' workspaces. We found that observers generally agreed but that agreement varied across the traits, with Openness, Conscientiousness, and Extraversion showing the strongest agreement and Emotional Stability and Agreeableness showing the least agreement. Question 2 asked whether the observer ratings were accurate. Again, we found that the ratings were generally accurate but varied across*

*traits, with Openness, Conscientiousness, and Extraversion showing the strongest accuracy and Agreeableness and Emotional Stability showing little accuracy.*

A pergunta 1 perguntou se os observadores concordavam com as avaliações dos ocupantes baseado apenas nos espaços de trabalho dos ocupantes. Nós descobrimos que os observadores geralmente concordam, mas que essa concordância varia, com os traços de *Openness*, *Conscientiousness* e *Extraversion* mostrando a maior concordância e Estabilidade Emocional e *Agreeableness* mostrando a menor concordância. A pergunta 2 perguntou se as avaliações foram corretas. De novo, nós descobrimos que as avaliações foram precisas, mas variavam com os traços, com *Openness*, *Conscientiousness* e *Extraversion* mostrando a maior precisão e *Agreeableness* e Estabilidade Emocional mostrando pouca precisão.

— GOSLING, et. al. 2002 (Tradução própria)

Para esta pesquisa de Gosling, foram usados uma lista de características para inferir personalidade, tais como o barulho ou silêncio na sala, a iluminação, temperatura e etc. No entanto, os autores ressaltaram que uma previsão da personalidade a partir do ambiente é mais precisa ao analisar a configuração global do ambiente ao invés de seus objetos individuais (GOSLING, et. al. 2002).

O Big Five também foi associado ao modelo da neurociência afetiva numa pesquisa que fez testes de associação da prevalência emocional em cada um dos cinco traços de personalidade Big Five.

*In all studies, robust correlation patterns could be observed with FEAR, SADNESS, and ANGER being the primary emotions driving Neuroticism, high CARE and low ANGER being the driving forces of high Agreeableness, high SEEKING being the bottom-up force of Openness to Experience and high PLAY being the primary emotional foundation of Extraversion.*

Em todos os estudos há correlação robusta de padrões que podem ser observados com MEDO, TRISTEZA e RAIVA sendo as emoções primárias dirigindo Neuroticismo; alta DEVOÇÃO e baixa RAIVA sendo as forças motoras de alta Agradabilidade (*Agreeableness*); alta BUSCA sendo a força de Abertura à Experiência e alto BRINCAR sendo a fundação emocional de Extroversão.

— MONTAG e DAVIS, 2018. (Tradução Própria).

**Figura 3** — Correlação entre Emoções e Traços de Personalidade

Big Five	SEEKING	FEAR	CARE	ANGER	PLAY	SADNESS
O	<b>.42**</b>	.19*	<b>.21**</b>	-.19*	-.07	<b>.20**</b>
C	<b>.29**</b>	.09	.15*	.00	.06	-.04
E	<b>.24**</b>	<b>-.50**</b>	.05	.00	<b>.54**</b>	<b>-.36**</b>
A	<b>.28**</b>	<b>-.18**</b>	<b>.38**</b>	<b>-.45**</b>	<b>.50**</b>	<b>-.24**</b>
N	<b>-.21**</b>	<b>.72**</b>	.13	<b>.44**</b>	<b>-.40**</b>	<b>.63**</b>

Fonte: Montag e Davis (2018)

A Correlação de prevalência de 6 emoções (com exceção da LUXÚRIA) com os traços Big Five. O = Abertura à Experiência; C = Conscienciosidade; E = Extroversão; A = Agradabilidade; N = Neuroticismo. SEEKING = BUSCA / FEAR = MEDO / CARE = DEVOÇÃO / ANGER = RAIVA / PLAY = BRINCAR / SADNESS = PÂNICO ou TRISTEZA. Os trechos em negrito mostram similaridade de resultado entre esta pesquisa e outra feita por Panksepp e Normansell (2003).

A Abertura à Experiência (Openness) estava ligado a uma ativação da emoção de BUSCA. A Extroversão (Extraversion) estava ligado a uma ativação da emoção de BRINCAR. Agradabilidade estava ligado a uma ativação da emoção de DEVOÇÃO e uma supressão da RAIVA. Neuroticismo estava ligado a uma ativação das emoções de MEDO, PÂNICO/TRISTEZA e RAIVA (MONTAG e DAVIS, 2018).

Unindo as duas pesquisas supracitadas, podemos inferir não só as características do Big Five de uma pessoa e seu ambiente, bem como a prevalência emocional com algum grau de precisão.

Os ambientes não são apenas imposições feitas a nós, mas são parte duma colaboração individual, pois cada indivíduo pode escolher os ambientes que irá passar o tempo com um grau de liberdade e de que forma irá passar esse tempo. Mesmo quando tal liberdade não é possível, o indivíduo ainda assim poderá ter uma noção de qual tipo de ambiente ele prefere estar baseado em sua personalidade.

Para exemplificar que as induções emocionais podem ocorrer sem a presença de qualquer signo verbal ou explícito, eu utilizo aqui a teoria das janelas quebradas elaborada nos anos 80 por pesquisadores americanos. Como foi dito

anteriormente, embora as pessoas sejam supercondutoras de ideias, o ambiente também é capaz de transmitir ideias por linguagem mimética. O mero fato da presença de desordem no ambiente, através de janelas quebradas e ruas sujas, induz o comportamento desordeiro e, por conseguinte, a patologia em massa. Aqueles propensos à desordem — e a desordem é um traço contemplado pelo Big Five — se entregam mais facilmente à desordem em ambientes como este. Quando as autoridades americanas resolveram limpar o ambiente e consertar janelas, os índices de criminalidade diminuíram (WILSON e KELLING, 1982). Um ambiente de janelas quebradas é um ambiente sem real estrutura e dominado pelo CAOS e desconhecido, tal como um cadáver em decomposição cuja unidade (ORDEM) já não existe mais. Qualquer coisa pode se apoderar dele, e o MEDO se propaga, aumentando também os índices de criminalidade.

Exemplos positivos de indução à saúde e ao bem-estar também estão contemplados na literatura, tal como mostra Ulrich (1984) em sua pesquisa de hospitais. Ele descobriu que a presença de janelas e de plantas e árvores em quartos de hospitais aumentavam a velocidade de recuperação dos pacientes e aprimoraram suas capacidades restaurativas.

### 3 O CORPO CIBERNÉTICO

A capacidade de abstração humana possui uma outra subcapacidade: a de projeção. Somos capazes de exportar nossas impressões e sensações ao ambiente num geral, como se pudéssemos estender nosso corpo ao ambiente.

*The subject of consciousness identifies itself with this external bodily representation in much the same way as a child might project itself into the animated figures she controls in a computer game. The representations rapidly come to be treated as if they were the self, but in reality they are not.* O sujeito de consciência identifica a si mesmo com esta representação corporal externa da mesma forma que uma criança projeta a si mesma em figuras animadas que ela controla em um jogo de computador. **Estas representações rapidamente vêm a ser tratadas como se elas fossem de si, mas na realidade, não são.**

*Furthermore, it is becoming ever more evident that the internal body generates a very different type of consciousness from the consciousness associated with exteroceptive cortex. The interoceptive brainstem, along with diverse emotional networks, generates internal “states” rather than external “objects” of consciousness. In other words, the internal body is not represented as an object of perception. Rather it gives rise to a background state of “being”; this aspect of the body is the subject of perception.*

Está se tornando cada vez mais evidente de que o corpo interno gera um tipo diferente de consciência da consciência associada com o córtex exteroceptivo. O tronco encefálico interoceptivo, junto com as redes emocionais diversas, geram “estados” internos ao invés de “objetos” exteriores da consciência. **Em outras palavras, o corpo interno não é representado como um objeto de percepção. Ao invés disso, ela gera o quadro subjetivo de “ser”; este aspecto do corpo é o sujeito da percepção.**

— PANKSEPP e SOLMS, 2012. (Tradução própria e grifado por mim)

Todos nós temos a capacidade não só de projetarmos aos outros, mas ao ambiente também. Panksepp e Solms, tratam do “corpo externo” (*external body image*) e ressaltam este componente de indiferenciação que podemos ter entre nós mesmos e o ambiente. Possuímos dois corpos: um externo, responsável pela locomoção; e o interno, responsável pela homeostase. Freud já afirmou que o corpo não corresponde à imagem mental do corpo (apud PANKSEPP e SOLMS, 2012). O ego corporal, assim falado em sua teoria narcísica do corpo, compreende principalmente projeções do corpo, e não apenas o corpo em si (PANKSEPP e SOLMS, 2012). Um exemplo simples que ilustra isto está na sensação ruim que temos ao assistir o protagonista de um filme sendo ferido mortalmente. Os autores também afirmam que tais projeções podem incluir objetos inanimados, pois o cérebro também interpreta a imagem corporal externa como sendo um objeto

externo. A imagem em si percebida no espelho não é o nosso corpo, mas nossa percepção exteroceptiva o faz ser.

Estas projeções fazem parte de nosso ambiente de maneira tão literal quanto fazem parte de nosso corpo. Isto é o que chamo de corpo cibernético. Cibernética, de acordo com o dicionário aurélio, vem do grego “*kybernetiké*”, que se traduz como “arte do piloto”, e é definido como “a ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só nos organismos vivos, mas também nas máquinas”. Meu estudo aqui se faz na troca de informações afetivamente relevantes entre pessoas e também entre pessoas e instrumentos. Estar ciente da cibernética do corpo é estar ciente deste corpo “estendido” no espaço.

Jung já descreveu que muitas vezes o corpo humano é representado como uma casa (JUNG, p.116, 2016). Em pesquisas feitas com tecnologia de rastreamento ocular, foi-se constatado que seres humanos são mais atraídos por edifícios que lembram a simetria e características de faces humanas (SALINGAROS e SUSSMAN, 2020). Outros artigos falam de como a arquitetura modernista foi influenciada por autistas e pelo transtorno de estresse pós-traumático, onde as construções carecem deste aspecto simétrico e relacional (SUSSMAN e CHEN, 2020).

Há um experimento chamado “a ilusão da mão de borracha” (*the rubber hand illusion*), onde o sujeito de testes é levado a acreditar que uma mão de borracha possui sensações tal como sua mão verdadeira. O mesmo mecanismo que opera tal projeção corporal é o mesmo mecanismo responsável pelo fenômeno do membro fantasma, mas de maneira inversa. Utilizo aqui estes dois exemplos como forma de ilustrar que nossas sensações podem estar subordinadas a objetos e ao ambiente.

Willy Hellpach, o pioneiro nos estudos de psicologia ambiental, também aponta para mudanças no humor e na disposição do indivíduo a depender da geografia e do clima local em seu livro *Geopsique* (1967). Nosso corpo de sensações pode se estender amplamente no espaço.

Panksepp e Solms (2012) também explicam que outro mecanismo por trás desta indiferenciação são os neurônios espelhos em experimentos onde foi constatado que esquizofrênicos não conseguem diferenciar o movimento próprio e o movimento de outras pessoas. Parte de nossa projeção se explica, portanto, são os neurônios espelho.

*The above phenomena demonstrate firstly that the external body is not a subject but an object, and secondly that it is perceived in the same register as other objects.*

Os fenômenos acima demonstram primeiramente que o corpo externo não é um sujeito, mas um objeto, e segundo, que é percebido no mesmo registro tal como outros objetos.

— PANKSEPP e SOLMS, 2012. (Tradução própria)

Eles escreveram o artigo utilizando e atualizando termos psicanalíticos à luz da neurociência (neuropsicanálise). Porém, cabe aqui frisar um aspecto que eles desviaram de Freud. Eles escrevem:

*Mental processes were therefore fundamentally conceptualized by Freud as being composed of (a) representations, activated by (b) drive energies (which he sometimes also called “quotas of affect”). These two mental elements were considered to be unconscious in themselves, and only to give rise to the phenomena of consciousness under certain conditions.*

*We will develop the theme here that these two elements remain the foundational concepts of modern cognitive and affective science, but we will argue that the so-called “drive energies” that activate cognition are intrinsically conscious—although the transformations they are subject to frequently render them inaccessible to reflexive awareness.*

Os processos mentais foram portanto fundamentalmente conceitualizados por Freud como sendo compostos de (a) representações, ativadas por (b) energias de pulsão (os quais ele às vezes chamava de “contingente de afeto”). Estes dois elementos mentais foram considerados conscientes neles mesmos, e apenas viriam à consciência sob certas condições. Nós iremos desenvolver o tema aqui que estes dois elementos permanecem como conceitos fundantes da ciência moderna de cognição e afeto, **mas nós vamos argumentar que as chamadas “energias de pulsão” que ativam a cognição são intrinsecamente conscientes—embora as transformações a que estão sujeitas frequentemente os tornem inacessíveis à consciência reflexiva.**

— PANKSEPP e SOLMS, 2012. (Tradução própria)

Ou seja, nós sabemos pelo o que estamos sendo afetados. Sabemos quando estamos com raiva, tristes ou em pânico, de modo que sabemos também quando e quais objetos se tornam mais ou menos relevantes para nós. Esta é, aliás, a principal tese deles no artigo citado aqui, pois eles dizem que é a consciência a forma fundante da experiência fenomênica, e não o inconsciente. O termo “inconsciente” ainda é utilizado por tais especialistas enquanto formas “não-declarativas” de informação.

Os autores citam Freud (1915) ao falar de dois tipos de inconsciente: um descritivo e um dinâmico. A inibição age no chamado “inconsciente descritivo”, que se caracteriza por hábitos e ações automáticas; a repressão e o recalque agem no

“inconsciente dinâmico”. Não é possível falar de que a inibição ou desatenção de determinados objetos representam, necessariamente, uma ação de recalque, como se o sujeito estivesse ativamente expulsando aquele conteúdo da mente consciente, mas representa apenas uma flutuação normal dentro daquilo no qual nos atentamos. A repressão ou recalque só acontece quando o ego tenta expulsar ou distorcer aquela informação do seu campo de consciência, pois a informação em si parece ameaçar sua integridade.

Porém, mesmo o inconsciente possui sua forma própria de consciência e que não é representada verbalmente ou percebida pelo ego. Voltaremos a este assunto no próximo tópico.

Nem todo objeto faz parte de nosso corpo de sensações a todo tempo, isto vai depender da relevância que ele se mostra de momento a momento. Alguém que usa óculos, por exemplo, nem sempre percebe que está usando óculos pois se habituou ao objeto (inconsciente descritivo e inibitório). É somente quando este objeto lhe escapa que podemos entender o quanto que ele se identificou e depende daquele objeto. Isto acontece por fins de prioridade e adaptação. Nem sempre pensamos no teclado que teclamos no nosso computador pois é mais relevante prestar atenção na mensagem escrita do que nas propriedades físicas do teclado. Enquanto antes o aluno estava com o óculos e seu teclado de laptop estava operando bem, sua preocupação estava em escrever o que o professor lhe ensinava, sem o óculos e sem o teclado, o campo de relevâncias e objetivos muda completamente. O óculos e o teclado estavam assimilados em seu corpo estendido dum mecanismo cibernético de integração objetal. Todo o seu corpo operava de maneira autônoma, deixando a sua atenção e consciência apta para desenvolver suas memórias e transformá-las em memórias de trabalho, uma categoria de memória de especialidade da consciência neocortical e vital para a vida acadêmica.

Este automatismo é designado em diferentes níveis de processamento da informação. Segundo os mesmos autores, as informações são processadas em consciências de qualidade diferente que se integram em hierarquia. Tais hierarquias podem temporariamente inibir umas às outras a depender do que seja tomado como prioridade no momento. No caso anterior, a hierarquia de processamento cognitivo mais alto inibiu temporariamente as hierarquias de processamento mais baixos, mas comumente acontece das emoções — de consciência mais básica — inibirem o processamento de informação de consciência em hierarquia mais alta. É por esta

razão que indivíduos sob emoção não podem aprender com eficácia, pois as hierarquias mais baixas estão tomando a prioridade.

*Strong emotions can also interfere with and disrupt cognitive processing; so it readily happens that individuals may experience strong emotional turmoil without having any subsequent insight into, or even memory of, those experiences. These examples could easily be multiplied.*

Emoções fortes também podem interferir e atrapalhar o processamento cognitivo; então prontamente ocorre que indivíduos podem experimentar fortes distúrbios emocionais sem ter nenhum insight subsequente, ou sequer a memória destas experiências.

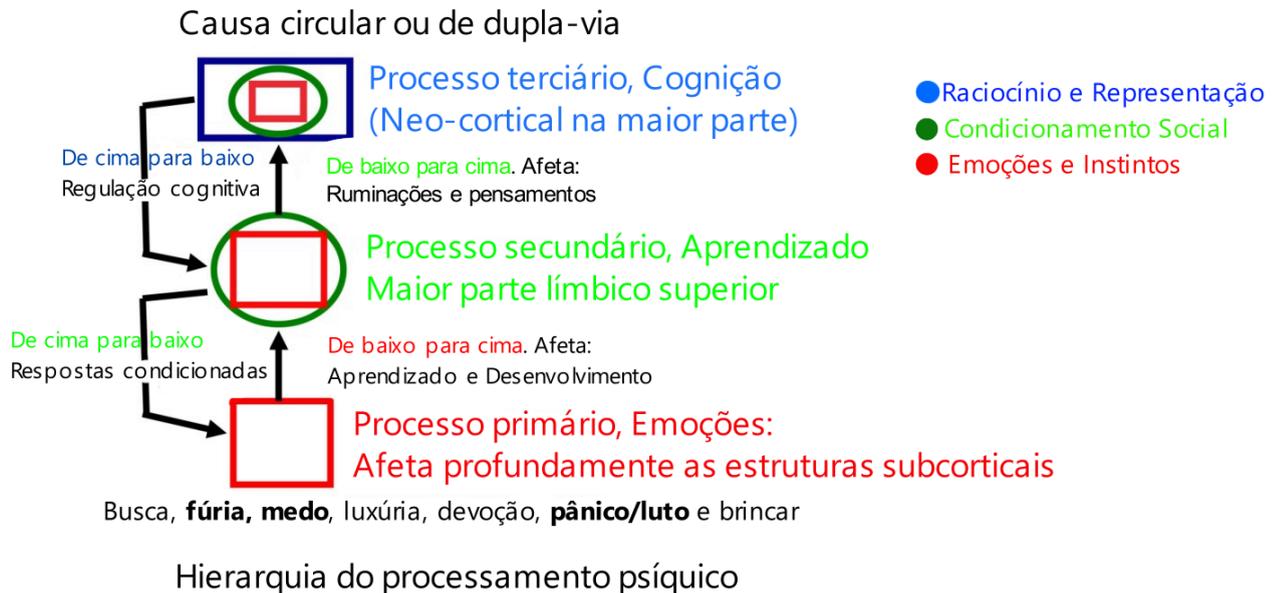
— PANKSEPP e SOLMS, 2012 (tradução própria).

Outro exemplo é o fenômeno da inibição temporária da dor pela injeção de hormônios do estresse. Algumas pessoas só percebem que estão machucadas passado o momento inicial de excitação hormonal e do evento causador do estresse. O próprio corpo ativa MEDO, tomando como prioridade a preservação corporal imediata e só depois libera a atenção para o auto-cuidado.

Para além de objetos imediatos, a cultura consegue influenciar as emoções, pois não há limite no qual o corpo cibernético pode assimilar informações à sua estrutura. Panksepp (2010) relata em um artigo que explica como a depressão inibe as emoções de BUSCA e DEVOÇÃO e eleva outras como RAIVA e MEDO. A emoção da BUSCA está atrelada à dopamina, comumente chamada de “hormônio do prazer”, mas que bem poderia chamado de “hormônio da expectativa”, pois se diferencia da emoção da LUXÚRIA que se caracteriza pela “recompensa consumatória” (*consummatory reward*). Produções culturais que excitam tais emoções podem ser como remédios imateriais para doenças como a depressão, pois atacam diretamente as emoções que a propiciam. Assim, até mesmo objetos abstratos e não-imediatos podem influenciar as emoções de um indivíduo de forma benéfica ou não.

Segundo Panksepp e Solms, a hierarquia de processamento cognitivo é esquematizada desta forma:

**Figura 4** — Sistema Hierárquico do Processamento de Informações



Fonte: Panksepp e Solms (2012)

Este esquema foi retirado do artigo de Panksepp e Solms e traduzido por mim. Os instintos/emoções de **FÚRIVA/RAIVA**, **MEDO** e **PÂNICO/LUTO** estão em negrito pois os autores falam que os três estão interligados enquanto emoções vistas como negativas. Os autores também dizem que Freud atribuiu à cognição (também dita como *secondary process thinking* ou pensamento de processo secundário) como sendo o ego. As cores também são utilizadas aqui de maneira simbólica, com o vermelho representando uma cor de espectro mais básico, correspondendo aos processos básicos de processamento e de funcionamento anoético, que contém “formas não-pensativas de experiência, as quais podem ser intensas sem serem ‘conhecidas’” (PANKSEPP e SOLMS, 2012), localizado no tronco encefálico superior. O verde, de espectro intermediário, corresponde aos processos intermediários de processamento, também chamados de noéticos, que contém “pensamentos ligados à percepção exteroceptiva” e à locomoção socialmente adaptada, localizado nos gânglios de base ou região subcortical. O azul de espectro mais alto, correspondendo aos processos mais avançados de processamento, “formas de percepção abstratas e cognições, que permitem a percepção consciente e reflexão da experiência nos ‘olhos da mente’ através de memórias episódicas e fantasias”, localizado no neocórtex. Os autores também

ressaltam que este modelo foi baseado no modelo de consciência de Endel Tulving (2002) citado no mesmo artigo.

O instinto busca o movimento socialmente adaptado para se realizar. A cognição entra para representar os eventos para o ego e buscar o melhor curso de resolução das pautas do instinto e do movimento adequado.

Alfred Adler, criador da Psicologia Individual, coloca o corpo e sua capacidade de movimento como parte essencial da manutenção psíquica de alguém.

*The changes which the human race has made in its environment we call our culture; and our culture is the result of all the movements which the minds of men have initiated for their bodies. Our work is inspired by our minds. The development of our bodies is directed and aided by our minds. In the end we shall not be able to find a single human expression which is not filled with the purposiveness of the mind. (...) The feelings put the body in shape to meet a situation with a definite type of response. Phantasies and identifications are methods of foreseeing; but they are also more: they stir up the feelings in accordance with which the body will act. In this way the feelings of an individual bear the impress of the meaning he gives to life and of the goal he has set for his strivings. To a great extent, though they rule his body, they do not depend on his body: they will always depend primarily on his goal and his consequent style of life.*

As mudanças as quais a raça humana fez em seu ambiente nós chamamos de nossa cultura; e nossa cultura é o resultado de todos os movimentos nos quais as mentes humanas iniciaram em seus corpos. Nosso trabalho é inspirado pelas nossas mentes. O desenvolvimento de nossos corpos é direcionado e apoiado pelas nossas mentes. No final, nós não seremos capazes de encontrar uma única expressão humana que não tenha em si intencionalidade. (...) Os sentimentos colocam o corpo em forma para ir de encontro à situação com uma resposta definida. Fantasias e identificações são métodos de prever; mas também são mais: eles encorajam os sentimentos de acordo em como o corpo agirá. Os sentimentos de um indivíduo carregam a impressão do significado que ele dá para a vida e a meta que ele colocou para suas ações. Em grande medida, embora governem o seu corpo, não dependem do seu corpo: dependerão sempre principalmente do seu objetivo e do seu consequente estilo de vida.

— ADLER, 1932. (Tradução Própria).

Podemos utilizar Adler e sua Psicologia Individual como especialistas em analisar o movimento socialmente adaptado do instinto, este último que é especialidade da neuropsicanálise e da neurociência afetiva.

A cultura é fruto de nossos movimentos e de alocação de objetos no espaço. O mundo social é, portanto, o mundo do movimento, e estes movimentos terão alguma meta em mente. As emoções atizam o movimento, que por sua vez é regulado por condicionamento e aprendizado. Todos os mamíferos, ao nascerem, não precisam ser treinados a sentir emoções, mas precisam treinar o próprio veículo

no qual estas emoções serão expressas. Alfred Adler é um teórico excelente para se analisar a camada corporal e de movimento da estrutura psicológica humana. Sua definição de psicologia é “a compreensão da atitude de um indivíduo em relação às impressões de seu corpo.” (ADLER, 1932). Qual será a ação e o movimento individual mediante os diferentes estímulos e informações que chegam até ele? As pessoas responderão a tais estímulos de modo diferente a depender de seus objetivos e a relação de inferioridade ou superioridade percebida frente aos obstáculos.

Para o processamento de terceiro nível (autonoético), cito aqui um autor que dá ênfase às representações culturais. Peterson fala do processamento hierárquico da seguinte forma:

Primeiro vem o padrão de ação, guiado pelo instinto, moldado sem percepção consciente pelas consequências das “recompensas” e “punições” socialmente mediadas (determinadas em sua “estrutura e local” pelas convenções sociais atuais, produtos de forças históricas). Em seguida, vem a capacidade de imaginar o fim para o qual o comportamento “deveria” ser dirigido. Informações geradas da observação do comportamento fornece a base para construção de fantasias sobre tais fins. Ações que satisfazem as emoções têm um padrão; a abstração nos permite representar e duplicar esse padrão, como um fim. As abstrações de nível mais alto, por conseguinte, nos permitem representar o padrão comportamental mais universalmente aplicável: aquele que caracteriza o herói, o qual eternamente transforma o desconhecido em algo seguro e benéfico; o qual reconstrói eternamente o seguro e o benéfico, quando ele tiver se degenerado em tirania. O mito do herói veio a representar a natureza essencial da possibilidade humana, conforme manifesta no comportamento adaptativo  
— PETERSON, 2018

As representações culturais e artísticas servem como guia para o ser humano em suas múltiplas facetas. Elas são importantes para o ser humano a nível cibernético, pois seu comportamento pode ser imitado através de linguagem mimética e/ou verbal, tal como os neurônios-espelho podem imitar ações observadas no mundo. Os mitos heróicos espalhados pelo mundo são uma condensação de informações a nível refinado e que são guiados, principalmente, pelo Sentido.

O homem pode ser antes explicado como um ser que busca sentido, e portanto, qualidade à sua tensão homeostática. Para além das tensões empregadas pelo instinto e pelo movimento socialmente adaptado, temos as aflições do espírito. Pois o homem é uma criatura movido por um porquê, e este porquê pode ser

vislumbrado pelos mitos. Meu uso do termo “mito” se dá no sentido clássico da palavra enquanto visão de mundo e narrativa, e não enquanto seu uso popular atual sinônimo de “falsidade.”

Peterson explica que a ORDEM é território explorado, conhecido e rotineiro; CAOS é território desconhecido. As duas coisas são metamitologias. “Meta” pois o sufixo indica o ato de transcender e abarcar o ambiente físico imediato. Um metamito ou meta-ambiente, é portanto, um ambiente que transcende e abarca o ambiente físico e o define em termos de CAOS e/ou ORDEM. Utilizo aqui o ambiente e caminho como sinônimos, pois Peterson prova em sua tese que o ambiente é permeado pelas nossas expectativas ordenadas e/ou caóticas de passado, presente e futuro, além da relevância do ambiente e seus objetos perante nós mesmos em diferentes instâncias. Estas relevâncias vão se sobrepondo em termos de hierarquias, por exemplo: a necessidade de comer pode estar subordinada à necessidade de trabalhar, que por sua vez está subordinada à de ser uma boa pessoa e esta boa pessoa está subordinada a Deus. O ambiente é assim permeado em hierarquia de informações, valores, expectativas e objetivos. Quando esta hierarquia é duramente abalada com CAOS, a neurose acontece primeiramente sob a forma de ansiedade, pois a ansiedade significa que um está se distanciando do que considera ORDEM (PETERSON, 2018) e esta ansiedade pode tomar proporções coletivas, de modo que o ambiente em si pode se tornar patológico por meio de indução ou sugestão, tal como mostra a teoria das janelas quebradas.

Se utilizarmos o exemplo duma ida ao supermercado, podemos dizer que um sujeito que apenas está procurando comida para matar sua fome tem uma motivação X. Mas um homem que está procurando comida, para servir numa festa de caridade religiosa, possui uma motivação X + 2. Quanto mais o objetivo em questão estiver subordinado dentro duma hierarquia de valores e objetivos, tão mais motivado e dotado de sentido as ações individuais terão e mais resistente ele será frente ao CAOS. Outra forma de analisar isto é perguntar, eticamente, quem se beneficiará das ações do indivíduo. Se ele beneficiar a si mesmo, seus amigos, família, comunidade, país, a nação e agradará a Deus, então sua ação estará dotada de sentido. Assim, mesmo que suas ações estejam carregadas de afetos negativos, tal como a experiência que Frankl (1991) teve no campo de concentração, a qualidade de suas tensões homeostáticas poderá ser vista como

dotada de sentido. Assim, o sentido que buscamos em território desconhecido (CAOS) ou conhecido (ORDEM) transcende e abarca os territórios os definindo. Por exemplo: há duas pessoas num hospital com o mesmo sintoma de queimadura de terceiro grau. Uma é um bombeiro, que acabou de sair duma missão e salvou a vida duma criança. A outra é de um adolescente que resolveu brincar com fogo. Ambos sentem a mesma dor, porém um terá uma qualidade positiva e a outra não. Peterson (2018) diz que o indivíduo que consegue navegar pelo caos e pela ordem é dotado de espírito heróico. A personalidade do Big Five, condicionamento e instintos podem até prever uma propensão a determinados comportamentos, mas o Sentido transcende e determina todos estes fatores.

O espírito heróico, ou explorador, é a função de um ego forte. Nós evoluímos para ter um nível de resolução mais amplo da situação e dos problemas. Um ego que se permite fugir dos próprios problemas ao reprimir informações no inconsciente dinâmico é um ego fraco. Todas as vezes que sentimos o caos se aproximando e a ansiedade crescendo somos convocados a resolver aquele problema com um ego forte e capaz de ser flexível e adaptativo. Esta é a função primordial do ego segundo Mark Solms (JUNG TO LIVE BY, 2022).

Tal como disse Peterson, em uma de suas aulas: você irá sofrer, de um modo ou de outro. Mas você pode ao menos escolher qual responsabilidade irá carregar nas costas. A responsabilidade e subordinação a valores devem ser tomados como componentes a serem considerados dentro do processamento hierárquico de informação. O Sentido tem o poder de redefinir e reinterpretar até mesmo as piores das situações e torná-las em algo bom.

Irei agora resumir brevemente o que descrevi até agora:

O corpo cibernético se faz presente na medida que a percepção torna relevante ou irrelevante e inibido ou desinibido os objetos no ambiente em termos de instrumentos ou obstáculos. Por exemplo: se uma pessoa está com fome, esta iniciará um movimento em direção ao supermercado (local com objetos dispostos sujeitos a serem realocados no espaço e percebidos pela percepção exteroceptiva citada anteriormente), depois de ter visto a representação de comida num comercial. Antes da fome, este comercial não teria tanto efeito sobre ela. Por outro lado, se estiver em PÂNICO no supermercado, a comida será irrelevante e de repente portas e abrigos em potencial chamam muito mais a atenção e balcões de comida podem ser obstáculos irritantes para a fuga. Em caso dela estar estudando, a cadeira na

qual ela se senta se tornará útil para tal objetivo. Mas se ela estiver em RAIVA, a cadeira poderá se tornar uma arma. Imprimimos nos objetos as nossas expectativas e estado emocional porque temos a tendência de ver os objetos não enquanto objetos, mas enquanto ferramentas úteis para a realização de nossos desejos e objetivos. Tais ferramentas são percebidas enquanto partes de nosso corpo estendido do que enquanto objetos aleatórios despojados no espaço. Os objetos aleatórios, por não terem valência emocional, acabam sendo inibidos da consciência imediata e são percebidos mais enquanto “borrões” do que objetos salientes porque não são importantes para a realização dos objetivos naquele momento. Este fenômeno de inibição perceptiva-visual de objetos não-relevantes emocionalmente foi bem documentado nos experimentos chamados popularmente de “Monkey Business Illusion”<sup>2</sup>.

O corpo interno das sensações percebe mais qualidades do que quantidades, sendo este último especialidade do corpo de locomoção. O corpo interno das sensações também interpreta de maneira anoética as informações recebidas do corpo da locomoção, de raciocínio noético como recompensador/bom/prazer/ORDEM ou punitivo/ruim/desprazer/CAOS. O ego, enquanto cognição autoética (PANKSEPP e SOLMS, 2012) e exploratório (PETERSON, 2018), regula a tensão entre ambos num conflito análogo aos conceitos de ID, Ego e Superego.

Para complementar minhas explicações acerca do corpo enquanto algo estendido no espaço como um corpo cibernético, utilizo uma citação feita por Antônio R. Damásio, em seu livro, “E o cérebro criou o homem”, (2011) diz que há o Self Objetal e o Self Observador. O Self Objetal surgiu primeiro, e é mais facilmente definido por Damásio, utilizando Joaquim James, o qual dizia que o self-objeto era a soma de tudo o que a pessoa “não só seu corpo e suas faculdades psíquicas, mas também suas roupas, sua esposa e seus filhos, além de antepassados e amigos, reputação e obras, terras e cavalos, iate e conta bancária” (2011).

---

<sup>2</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=IGQmdoK\\_ZfY](https://www.youtube.com/watch?v=IGQmdoK_ZfY) Este é o link para o experimento. O leitor pode escolher fazê-lo caso queira, afim de atestar por conta própria o fenômeno da inibição de informações e objetos no espaço.

## 4 SOBRE A CONSCIÊNCIA

Esta parte do trabalho se dedicará a defender a visão da consciência enquanto dividida em qualidades diferentes, tal como postulado pela neurociência afetiva.

Todos os três níveis de processamento não podem ser interpretados como níveis diferentes de consciência, mas sim, qualidades diferentes de consciência com suas respectivas especializações e funções.

*It is important to note that these “states” of the body-as-subject involve not only varying levels of consciousness (e.g., sleep/waking) but also varying qualities of consciousness. Interoceptive consciousness, too, is phenomenal; it “feels like” something. Above all, the phenomenal states of the body-as-subject are experienced affectively. Affects, rather than representing discrete external events, are experienced as positively and negatively valenced states. Their valence is determined by how changing internal conditions relate to the probability of survival and reproductive success. At this level of the brain, therefore, homeostasis is inseparable from consciousness. Whereas the classical sensory modalities represent discrete external (knowledge-generating and objective) noetic happenings, affective consciousness represents diffuse internal (automatically evaluative and subjective) anoetic reactions to those happenings.*

É importante notar que estes “estados” do corpo-enquanto-sujeito envolvem não apenas níveis diferentes de consciência (ex: dormir e acordado) mas também qualidades diferentes de consciência. Consciência interoceptiva, também, é fenomênica; ela “sente” algo. Além disso tudo, os estados fenomênicos de corpo-enquanto-sujeito são experimentados afetivamente. Afetos, ao invés de representar eventos externos específicos, são experimentados positivamente ou negativamente em termos de valor. A valência é determinada pela mudança de condições internas relacionadas à probabilidade de sobrevivência e sucesso reprodutivo. Neste nível do cérebro, portanto, a homeostase é inseparável da consciência. Enquanto as modalidades clássicas sensoriais representam acontecimentos noéticos externos e específicos (geração de conhecimento e objetivos), a consciência afetiva (automaticamente avaliador e subjetivo) representa reações internas difusas a estes acontecimentos.

— PANKSEPP e SOLMS, 2012 (tradução própria).

A consciência evoluiu, provavelmente, para locomover-se e adquirir mais comida de forma ainda mais eficiente. É provável que o primeiro ser a ter algum tipo de consciência se desenvolveu para ir atrás da comida, ir atrás de um alvo, ou fugir de outro alvo que também o via como comida (GLASGOW, 2018).

É provável também que tais seres já tinham uma noção primitiva de um protótipo mental ou “imagem” mental do ambiente com seus objetos e seus seres, visto que até mesmo cegos possuem protótipos baseados em sentidos como o tato. A consciência se molda com os sentidos disponíveis. Quando a visão é introduzida, novas mudanças são aplicadas ao esquema geral de consciência. Não só o organismo pode locomover-se evitando obstáculos, como visualizá-lo. Quando o objeto está ausente da visão, uma consciência ainda mais complexa se desenvolve, pois pode-se projetá-lo no espaço e no tempo. Daí viria, também, a memória de trabalho<sup>3</sup>. Esse tipo de consciência é desenvolvido nos humanos por volta dos oito meses de idade. A consciência se torna ainda mais complexa ao tentar ler e prever o comportamento dos seres e objetos, e principalmente, com a adição de uma linguagem sofisticada como as utilizadas nas culturas humanas (GLASGOW, 2018).

Fenômenos como o *blindsight* e o caso do paciente PS, mostram como podemos estar conscientes sem perceber (*consciousness* x *awareness*). PS sofreu um acidente vascular encefálico numa parte do cérebro de forma que ele não conseguia mais ver o que havia no lado esquerdo. Diante de duas imagens diferentes na esquerda — pois uma das casas estava queimando — mas iguais na direita, ela disse que ambas as casas eram as mesmas, mas ao perguntado onde ele queria morar, PS apontou para a casa que não estava em chamas (MARSHALL 1988 et. al. apud. GLASGOW, 2018). Em outras palavras: escutamos mas não ouvimos; enxergamos mas não vemos; não temos a percepção consciente, mas temos a percepção inconsciente. “Algo” em nós está consciente mesmo que nosso ego não tenha percepção imediata disto.

Giulio Tononi propõe que a experiência geral da consciência surge da integração de diferentes partes do cérebro num esquema geral de processamento (ROBSON, 2019). Em outras palavras, quanto em maior harmonia e conjunto operar a sinfonia do cérebro, maior é a possibilidade de se ter a percepção (*awareness*)

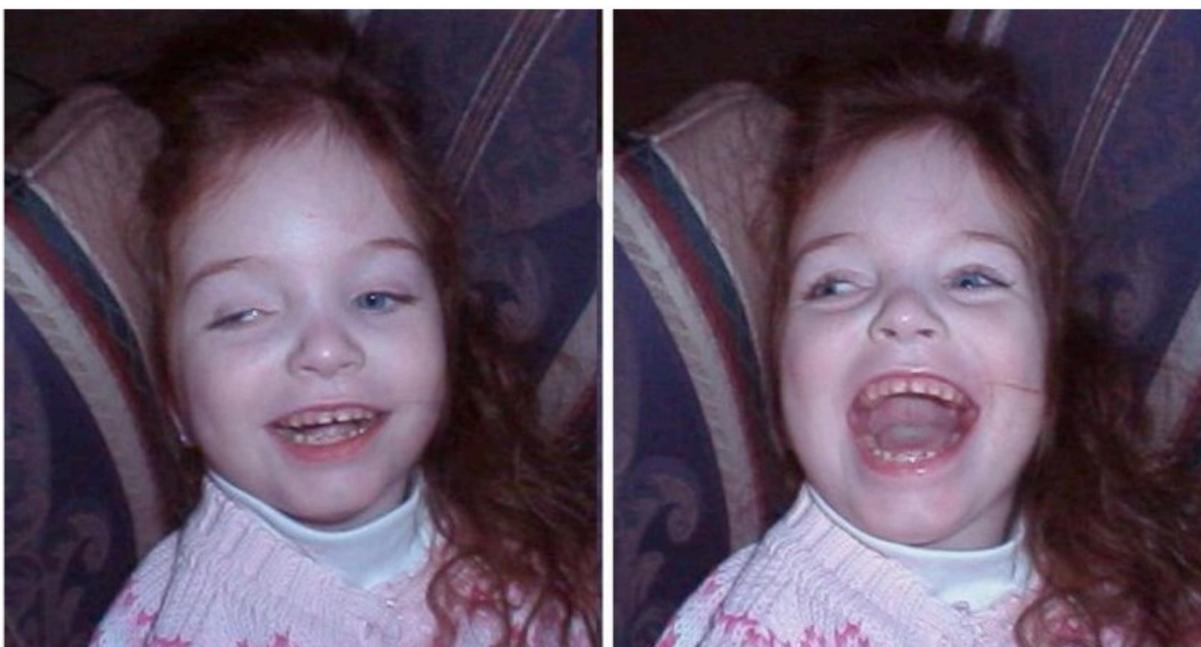
---

<sup>3</sup> A memória de trabalho refere-se à capacidade de trazer informações guardadas anteriormente para uma memória de curto prazo, para o presente.

desses mesmos processos. No caso de PS e de cegos com *blindsight*, essa integração não ocorre.

As palavras de Tononi derivam duma outra teoria, a da “*global workspace*”, a qual postula que a consciência que experimentamos é a soma total de informações integradas no córtex. Esta teoria, no entanto, não é aceita por especialistas como Mark Solms e Jaak Panksepp. Eles acreditam que a consciência emerge de maneira qualitativamente diferente a partir de regiões subcorticais responsáveis pelas emoções e utilizam para isto inúmeras evidências, incluindo crianças com hidrocefalia, onde o córtex cerebral é inexistente (PANKSEPP e SOLMS 2012).

**Figura 5** — Garota Hidrocefálica



Fonte: Panksepp e Solms (2012)

*Although there is in these children significant degradation of the types of consciousness that are normally associated with external perception, there can be no doubt that they are conscious, both quantitatively and qualitatively. They are not only awake and alert, but also experience and express a full range of instinctual emotions. (...) The fact that cortex is essentially absent in these cases proves unequivocally that affective consciousness is both generated and felt subcortically. This contradicts the theoretical assumptions of LeDoux and Craig quoted above, and those of Freud. Affective consciousness is not dependent on working memory being*

*provided with unconscious subcortical inputs that are only then “labeled” as emotions. It is an intrinsic function of lower regions of the brain.*

Embora haja nestas crianças degradações significativas nos tipos de consciência que são normalmente associadas com percepção externa, não pode haver dúvida de que elas estão conscientes, ambos quantitativamente e qualitativamente. Elas não estão apenas acordadas e alertas, mas também experimentam e expressam uma ampla gama de emoções instintivas. (...) O fato do córtex estar essencialmente ausente nestes casos prova de maneira inequívoca de que a consciência afetiva é gerada e sentida subcorticalmente. Isto contradiz as pressuposições teóricas de LeDoux e Craig citados acima, e também as de Freud. A consciência afetiva não depende do fornecimento da memória de trabalho com informações subcorticais inconscientes que só então são “rotuladas” como emoções. É uma função intrínseca das regiões inferiores do cérebro.

— PANKSEPP e SOLMS, 2012 (tradução própria).

A linha argumentativa tomada neste artigo segue as ideias de Panksepp e Solms de entender a consciência como emergente das regiões subcorticais do cérebro e cujo processamento de informações se dá em diferentes instâncias. Até hoje vigora a visão de “penso, logo existo” de Descartes, e que reduz o ser humano ao seu cognitivismo. O correto seria algo como “sinto, logo existo”. Este é o lema da neurociência afetiva.

Talvez seja pelo pensamento de Descartes que, até hoje, vigora uma noção errada de corpo e mente enquanto entidades separadas.

Em alguns casos, o pensamento da consciência enquanto produto do córtex pode tomar prevalência no julgamento científico ao ponto de ser postulado que algumas reações, como o reflexo de dor de lagostas, é apenas uma reação orgânica sem consciência nenhuma por parte das lagostas (ROBINSON, 2019). Tais criaturas não seriam diferentes de autômatos ou de zumbis nesta compreensão. Em um seminário de neurociência afetiva feito de modo online, Mark Solms (JUNG TO LIVE BY, 2022) postula que a criança supracitada acima é de fato consciente, embora seja um tipo de consciência que nós não estamos acostumados.

A razão pela qual nós temos uma percepção parcial, deixando o resto “inconsciente” ou inibido, se dá pelo fato de que nossa cognição processa apenas uma pequeníssima fração de informação comparado com o resto do cérebro. Isto é

a chamada “Lei de Miller”, a qual diz que só podemos manter  $\pm 7$  porções de informação de uma só vez (MILLER, 1956).

Se considerarmos a tipologia jungiana, algumas pessoas têm um ego com preferências a um determinado tipo de informação. Assim, a Lei de Miller possui informações que são filtradas por um determinado viés cognitivo. Algumas pessoas podem se interessar mais por informações sensoriais e outras por informações intuitivas, por exemplo. Um pode preferir informações sobre valores, outro informações técnicas. Não farei amplo uso da tipologia jungiana aqui neste trabalho, porém, sugiro que os psicólogos que têm algum conhecimento em tipologia jungiana também façam uso desta ferramenta ao analisar seus pacientes.

Muito do dito “inconsciente” é uma outra forma de consciência. Especialmente em se tratando de pessoas com pouco vocabulário literário, a possibilidade de integração dos conteúdos mais sutis ao ego autoconsciente se torna difícil, pois o paciente em questão, por possuir uma baixa consciência das possibilidades de ser e de agir, não consegue adaptar o seu ego de forma flexível, tornando-se assim neurótico. É possível que alguns pacientes consigam se expressar melhor seus conteúdos “inconscientes” apenas por causa da imposição de uma estrutura psicológica ao seu discurso. Se o paciente está sendo atendido por um psicanalista, sua informação será filtrada por um viés psicanalítico, e muito será falado sobre traumas e repressões. Se o terapeuta for da terapia cognitiva-comportamental, no entanto, muito do que será dito estará voltado para crenças e resolução de problemas práticos. O lugar onde alguém pensa que está determina o modo pelo qual ela vê a realidade.

Carl Rogers enfatizou o valor da “congruência” enquanto ferramenta vital ao se analisar pacientes. Ele estava muito preocupado em saber se havia uma harmonia de informações expressa em linguagem verbal e não-verbal ao longo do paciente como um todo. Tudo o que o modelo de corpo cibernético oferece é ter uma visão ampliada do corpo humano e que tipo de informação os diferentes níveis se atém.

Assim, ao se analisar as coisas com este viés clínico psicológico, todos os símbolos devem ser interpretados em seu nível respectivo de análise. As informações com valência emocional *sempre* se manifestam nos três níveis de processamento da informação *simultaneamente*. Analisar um símbolo, imagem ou fato carregado afetivamente é análogo ao processo de descomprimir um arquivo

comprimido em .rar no computador. Ao descomprimir, nós organizamos as informações em termos de funcionalidades anoéticas, noéticas e auto-noéticas.

## 5 EPIDEMIAS PSICOLÓGICAS E ANÁLISE DE CASO

*As pessoas a seguir são conjecturas plausíveis dentro do assalto que ocorreu no Campus I da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) em 1º de Abril de 2019. Quaisquer semelhanças destes indivíduos com pessoas reais são mera coincidência.*

*O trecho a seguir resume o que se seguiu naquele dia:*

Uma estudante e um vigilante da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foram baleados durante assalto a um carro-forte dentro da instituição, na manhã desta segunda-feira (1º), em Campina Grande. Bandidos armados teriam assaltado um carro-forte que abastecia a agência bancária que fica dentro do prédio. Houve tiroteio. A polícia foi acionada ao local, mas os assaltantes já tinham fugido, eles levaram um malote de dinheiro, uma arma, e deixaram um segurança e uma aluna baleados. As pessoas que estavam no prédio, entre elas estudantes e funcionários, tiveram que se esconder nas salas da Universidade no momento em que ouviram a troca de tiros. Até o fechamento desta matéria, o prédio estava sendo evacuado para que a perícia seja realizada. Oito estudantes foram encaminhados para o Hospital de Trauma da cidade após pularem do primeiro andar, junto com o segurança e a aluna vítimas dos tiros. O médico Francisco Cláudio, do Hospital de Trauma de Campina Grande, explica o estado de saúde das vítimas, em vídeo divulgado pela assessoria da unidade.

— Portal Correio, 2019.

Era apenas mais um dia de estudos quando Joaquim foi ao Campus I da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) para estudar em seu curso de jornalismo. Aquele deveria ser um dia importante, um dia em que um importante jornalista da cidade estaria fazendo uma palestra no primeiro andar do prédio principal do Campus I. Toda aquela importância, no entanto, iria virar uma piada de mau gosto no dia 1º de Abril de 2019, um dia governado não pelo intelecto, mas pelos instintos humanos mais selvagens.

Um professor estava palestrando há apenas quatro metros de distância dele quando foi interrompido por um som estrondoso. Joaquim ficou arrepiado, e o professor ficou paralisado. Quando o professor abriu a boca mais uma vez para retomar sua palestra, ele foi mais uma vez interrompido pelo estrondo de tiros.

Tudo aconteceu num piscar de olhos. Quando Joaquim tornou a abrir os olhos, ele havia sido derrubado de sua cadeira por uma multidão estridente que o atropelou tentando sair dali. Joaquim só foi salvo do pisoteamento porque seu amigo Roberto o puxou logo antes de se estatelar no chão e ser pisoteado pela multidão enlouquecida de seus colegas.

Ao seu redor, o caos.

Em menos de dez segundos, Joaquim já não sabia onde estava.

Em menos de dez segundos, o Campus I da UEPB havia se tornado a selva.

Em menos de dez segundos, o PÂNICO passou a dominar o Saber.

O mundo inteiro havia ficado em câmera lenta enquanto ele observava alguns de seus colegas correndo pela porta da frente. Outros se escondiam debaixo debaixo das cadeiras do auditório. Alguns choravam, alguns gritavam, mas a maioria estava em silêncio. Joaquim se perguntava como isto aconteceu?

O autor Philip Strong não define epidemia psicológica de maneira direta (1990). Antes ele descreve que faz uma análise de comportamentos em massa engatilhados a partir do medo indo do indivíduo ao grupo maior, uma análise indo de baixo para cima, a partir de autores da “tradição americana de micro-sociologia” (STRONG, 1990, p.256) como George Herbert Mead e Alfred Schutz.

Assim, Philip Strong descreve três fases duma epidemia psicológica:

1 — Ocorre uma onda de medo

2 — Na tentativa de conter o medo, explicações e moralizações do fenômeno se espalham

3 — Por último, a ordem escolhida deixa de ter um aspecto abstrato e passa a ter um aspecto de ação.

É importante notar que o autor afirma que estas fases podem ocorrer em *simultâneo* e ele apenas as diferencia para fins de análise.

Podemos usar este modelo para qualquer outra emoção propagada em massa além do medo. Primeiro há a emoção, que é de transmissão encefálica subcortical e mais rápida do que o pensamento “racional” do neocórtex. Em seguida, há a racionalização e um “pós-pensar” da emoção. Em terceiro, há a ação.

No modelo da neurociência afetiva, o segundo e o terceiro passo são invertidos, de modo que: sentimos primeiro, agimos em segundo e pensamos em

terceiro. Este trabalho usará o modelo de Strong com esta alteração na ordem das fases.

Ao analisar uma epidemia psicológica, temos de ver primeiro quais objetos e ideias possuem mais valência emocional. A mente irá sempre perceber a valência emocional primeiro e só depois irá descrever empiricamente o que percebeu.

Em um dia comum de aulas no Campus I da UEPB, as pessoas individuais tomam diferentes prioridades, mas que em geral, dizem respeito às necessidades de realização pessoal.

**A primeira fase** foi a propagação da emoção. Anteriormente no texto, destaquei a fala de Freud de que uma histeria é marcada por um tom emocional. Neste caso, todos no principal prédio do Campus I da UEPB tiveram o mesmo tom emocional por algum tempo: PÂNICO. “Salve-se quem puder!” é a frase que denota esta emoção. Se esta emoção não for devidamente canalizada, a massa em PÂNICO pode chegar até mesmo a ver pessoas como obstáculos a serem passados e pisoteados. O autor também ressalta que o PÂNICO difere-se da emoção do MEDO, e é marcado, principalmente, por uma sensação de perda imediata de segurança e sensação de separação com o grupo (2010). Em outras palavras: o MEDO é a preparação para segurança e o receio de perdê-la; o PÂNICO é a sensação de que a segurança já foi perdida.

Vale ressaltar que uma epidemia psicológica poderia ter o tom emocional de qualquer uma das emoções de MEDO, RAIVA ou PÂNICO citados anteriormente. Em caso de epidemias de RAIVA, temos o exemplo brasileiro de brigas de torcidas organizadas, onde rapidamente acontece uma espiral de ódio em que o controle da situação pelas autoridades é perdida. Em caso de epidemias de MEDO, temos o exemplo recente do covid-19, onde muitas pessoas mudaram seus estilos de vida radicalmente devido esta emoção.

Como os custos econômicos associados aos transtornos mentais são altos, a melhoria das estratégias de tratamento em saúde mental pode levar a ganhos tanto na saúde física quanto no setor econômico. Além de um medo concreto da morte, a pandemia do COVID-19 tem implicações para outras esferas: organização familiar, fechamento de escolas, empresas e locais públicos, mudanças nas rotinas de trabalho, isolamento, levando a sentimentos de desamparo e abandono. Além disso pode aumentar a insegurança devido às repercussões econômicas e sociais dessa tragédia

em larga escala. Durante o surto de ebola, por exemplo, comportamentos relacionados ao medo tiveram um impacto epidemiológico individual e coletivo durante todas as fases do evento, aumentando as taxas de sofrimento e sintomas psiquiátricos da população, o que contribuiu para o aumento da mortalidade indireta por outras causas que não o ebola. Atualmente, a facilidade de acesso às tecnologias de comunicação e a transmissão de informações sensacionalistas, imprecisas ou falsas podem aumentar as reações sociais prejudiciais, como raiva e comportamento agressivo.

— ORNELL, et. al. 2020.

As outras quatro emoções não são descritas na literatura enquanto “epidemias” pois geralmente são encaradas de forma positiva pelas diferentes sociedades.

Peterson (2018) afirma que a primeira reação que temos perante novidades é o choque (MEDO) seguido duma interpretação mais cuidadosa do fenômeno. Isto significa que no primeiro momento da surpresa duma festa de aniversário, o aniversariante ativa o MEDO, cuja função é provocar ansiedade e se preparar para o pior e pouco depois ele as desliga ao ver que se trata dum momento de diversão. No assalto ao Campus I da UEPB, que ocorreu em 2019, podemos ouvir claramente o momento de choque *inicial* (MEDO) e o congelamento das pessoas e o *posterior* PÂNICO advindo da apreensão do que estava acontecendo na matéria em anexo. (Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/audio-mostra-tiros-e-correria-de-alunos-da-uepb/> Acesso em 24/06/2023).

É somente após este choque inicial que o tom emocional se faz presente, e em poucos segundos, centenas de pessoas tiveram a exata mesma emoção primeiro de MEDO, e algumas de PÂNICO posteriormente.

É possível que o MEDO seja a epidemia mais comum, tal como epidemias virais são mais comuns do que bacterianas. Isto faz sentido, pois o MEDO pode ser um sentimento mais presente e incluído dentro da ORDEM (através de tirania ou governo fraco). Não se vê as pessoas correndo e gritando em PÂNICO no Campus I, mas é comum vê-las com MEDO de serem assaltadas, por exemplo. O PÂNICO é a instauração imediata do puro CAOS extinguindo a ORDEM antes vigente.

As emoções agem sendo expressas no meio social como sugestões e pressões para que mais indivíduos sucumbam perante tais emoções, normalizando sua expressão via pressão adaptativa psicossocial. Freud chama isso de “princípio de realidade”.

A ação<sup>4</sup> (**segunda fase**), por sua vez, pode ocorrer com um ego forte ou fraco. Por ego, eu estou utilizando não só os conceitos de ego citados anteriormente enquanto função executiva, cognição e *secondary process thinking*, mas também conceitos junguianos exemplificados por Campbell em seu livro *The Portable Jung* (1976, p.139). O ego tem como função se relacionar com os símbolos conscientes em operação e adaptar o indivíduo frente ao desconhecido. Todas as emoções que sentimos (chamadas de endosomáticas por Campbell) são imediatamente conscientes mas sua origem é inconsciente (1976, p.140). Por origem inconsciente diz-se que nem todo o conteúdo pode ser assimilado ou interpretado pelo indivíduo, ao menos não de maneira autoonética.

Inicialmente, em qualquer aprendizado ou situação nova, precisamos utilizar o processamento autoonético, pois ele permite a exploração consciente e decisória do que deve ser feito. Uma vez habituado à tarefa em questão, a tarefa torna-se automatizada com pouca necessidade de interferência da consciência reflexiva. O estado de *flow* é quando estamos utilizando da consciência reflexiva para ir um pouco mais além daquilo que estamos acostumados. Ele se dá no que Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal, onde nossas habilidades são testadas bem no nosso limite de capacidade. O aprendizado se dá desta forma e o sistema cognitivo de esquemas é atualizado.

Uma das formas de se identificar quando algum conteúdo tomou de conta do corpo e do ego é quando há uma incongruência no indivíduo entre palavra e ato, ou entre diferentes atos e palavras. A incongruência significa que dentro da hierarquia de processamento da informação há um descompasso entre os diferentes níveis. Algumas pessoas, durante o assalto, poderiam dizer que não estavam sentindo MEDO, porém elas estavam com os ombros retraídos e as pupilas dilatadas. Em histerias de conversão, esta incongruência é literal, pois o corpo sente e expressa algo que o ego não consegue compreender, e os diferentes níveis de

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar que a ordem das fases de Strong foi alterada neste texto. Para Strong, a segunda fase corresponde à moralização e a terceira corresponde à ação.

processamento de informação não estão se comunicando de maneira adequada para a adaptação e solução de problemas.

Esta segunda fase, de cunho mais individual, diz respeito à ação do ego propriamente dito em congruência ou incongruência com suas crenças e esquemas prévios. Poderia uma pessoa com auto-conceito de si mesmo enquanto alguém calmo e sereno poderia continuar gozando desses títulos se acabasse pulando do primeiro andar para tentar escapar do que pensava ser um massacre e que ainda lhe custou uma fratura nos ossos?

Adolescentes são ótimos para estudar o fenômeno de propagação de ideias e emoções, pois seu lobo frontal, responsável pela função executiva e autocontrole (características atribuídas aqui ao ego), ainda está amadurecendo e eles podem ser facilmente tomados por induções e emoções em massa.

Quando Joaquim ouviu os tiros, sua reação inicial foi o MEDO, com a sensação do tempo estar passando mais devagar. Sua escolha não foi a da fuga junto da massa de alguns colegas que fugiram, mas o esconder-se. Joaquim não pontua alto em neuroticismo, de modo que sua propensão ao PÂNICO é baixa. Além disso, sua pontuação em agradabilidade é alta, de modo que a DEVOÇÃO é mais prevalente do que a RAIVA, e isto é um dos motivos pelos quais ele não empurrou e nem pisoteou ninguém. Além disso, Joaquim era escoteiro quando criança, e ele foi treinado para lidar com situações de PÂNICO para se resguardar em lugar seguro e ajudar os feridos em caso de desastres naturais e acidentes. Ele não foi treinado exatamente para situações de combate de assalto à banco, como era naquele caso, mas o seu treinamento e a situação em questão não lhe pareciam tão diferentes.

João, por outro lado, pontuava alto em neuroticismo e baixo em agradabilidade, sendo mais propenso ao PÂNICO e a RAIVA e não possuía um repertório cultural adequado que o guiasse naquela situação. Assim que percebeu que os estrondos se tratavam de tiros, ele foi tomado pelo PÂNICO e ele empurrou Joaquim para que saísse de seu caminho. Sua escolha, dentro do que ele calculou rapidamente dentro das possibilidades que ele enxergava, foi de se esconder no banheiro.

O PÂNICO de João não foi tão grande quanto o PÂNICO de Maria, a qual fez o mesmo trajeto que João, mas que ela escolheu pular do primeiro andar. Ela pontuava alto em neuroticismo, e se ver sozinha sem suas amigas a fez ficar ainda

mais em PÂNICO superando o sistema do MEDO que dizia a ela para não pular. Maria, porém, foi motivada a pular pois acreditava que os tiros eram de um massacre, e não de um assalto. Seu sistema de BUSCA foi totalmente inibido, algo que poderia induzir nela a curiosidade de averiguar se era de fato um massacre ou não.

O prédio da UEPB não foi feito pensando nas necessidades de segurança e de fuga de seus estudantes. Aqueles que se encontram em andares superiores, dispõem apenas de três saídas possíveis para realizar o desejo de fuga pautado pelo PÂNICO. A fonte caótica indutora do PÂNICO estava exatamente nestes pontos de fuga — e estas saídas também estavam próximas um do outro. Caso fosse de fato um massacre, os assassinos teriam muita facilidade em bloquear todos os pontos de saída do prédio do Campus I. O sistema de PÂNICO irá procurar outro caminho alternativo, ou neste caso: criar um caminho alternativo. Assim, o próprio ambiente da UEPB, com a carência de pontos de fuga, sugeriu em diferentes pessoas um agravamento ainda maior desta emoção.

O design do prédio do Campus I é tal como o design de construções modernistas que são feias aos olhos humanos (SUSSMAN e CHEN, 2020), algo que pode agravar ainda mais a sensação de alienação do próprio lugar e, portanto, agravando eventuais crises de PÂNICO. A teleologia do PÂNICO é uma de intrínseca relação com o estresse de separação (PANKSEPP e SOLMS, 2012), muito presente em bebês e crianças que choram ao se verem separados dos pais, fontes de ORDEM e estabilidade emocional. Em outras palavras: é difícil se sentir “em casa” em ambientes com tal arquitetura.

Outra coisa que pode explicar esta falta de pontos de fuga está na arquitetura do MEDO. Em alguns países, nem todas as instituições de ensino e casas possuem muros. Muros e cercas são comuns no Brasil, pois o MEDO é uma emoção comum em nosso país. Mas quando o PÂNICO age, aquilo que se pensava ser uma fortaleza torna-se numa prisão de difícil fuga aos olhos deste sistema.

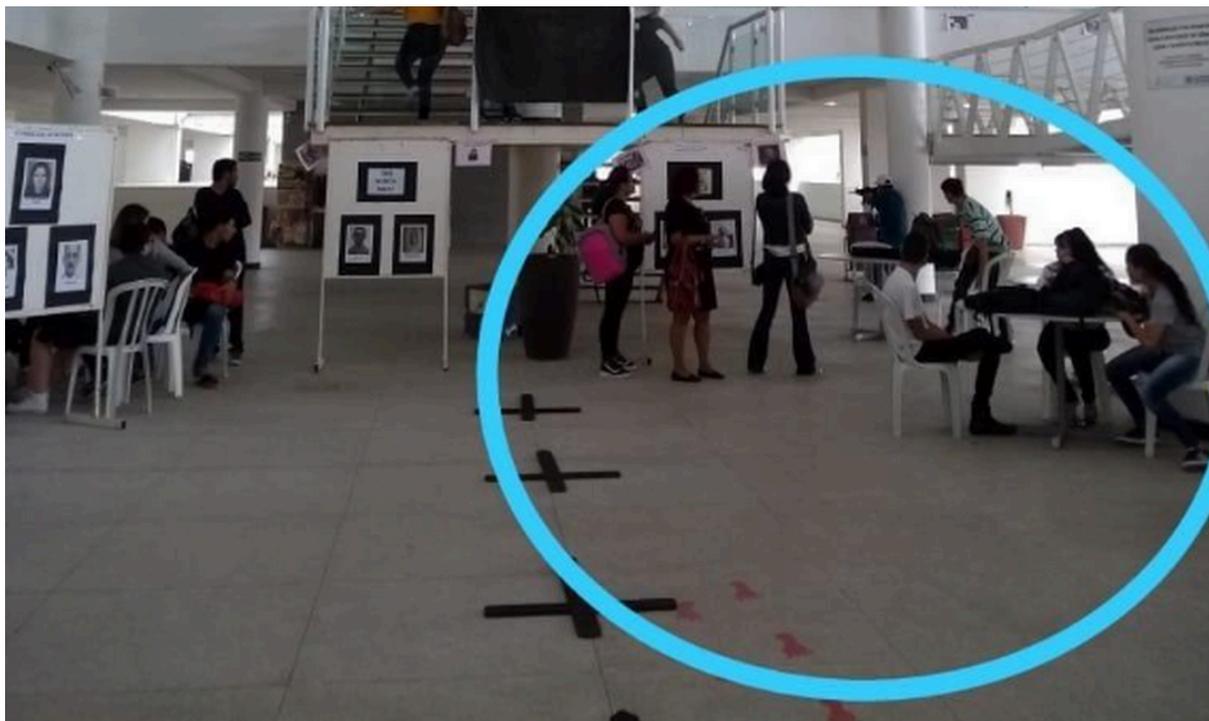
Na tentativa de criar tal rota de fuga, o resíduo comportamental deixado pela onda de PÂNICO no auditório do primeiro andar do Campus I foram de algumas cadeiras quebradas e derrubadas, além de alguns itens esquecidos ao longo do caminho. Para além da expressão corporal de PÂNICO dos indivíduos, o ambiente em si passou a expressar “corporalmente” o PÂNICO através deste resíduo comportamental. Os itens e objetos em questão ganharam valência emocional

enquanto ferramentas dentro do PÂNICO, de modo que até mesmo os objetos de estudo como cadernos foram deixados para trás em prol de outros itens como o celular. Já outros sequer viram as pessoas em seu caminho enquanto pessoas, mas enquanto obstáculos à sua fuga. Tudo isto apenas fortalecia ainda mais o PÂNICO como uma chama sendo alimentada e induzindo mais indivíduos a esta emoção. Podemos estimar a hierarquia de valores objetivos das pessoas em termos daquilo que elas escolheram deixar para trás, protegeram, destruíram ou esqueceram em meio ao frenesi. O ambiente como um todo é fonte de análise psicológica assim como a expressão corporal de pessoas individuais é também fonte de análise pois, na verdade, o corpo é projetado no espaço e suas emoções também.

Os outros alunos que estavam em salas de aula tornaram suas cadeiras em barricadas para a porta. A sala de aula havia se tornado num esconderijo ou numa pequena fortaleza contra o agente invasor. Estes agiam pelo MEDO. Aqueles em PÂNICO viam o ambiente imediato como fonte de CAOS de modo que elas queriam fugir do local, enquanto aqueles em MEDO viam o ambiente imediato como fonte potencial de ORDEM ou de recuperação da ORDEM.

Já Severino, segurança do Campus I da UEPB, testemunhou o homem retirando o fuzil dum caixa de violão que estava carregando e ficar um tempo parado mirando no banco. Severino, no entanto não fez nada, pois ele e outros estudantes pensavam se tratar dum ator numa peça (BRINCAR / PLAY) contra a ditadura militar, inibindo qualquer reação de combate inicial. Tal instinto, neste caso, atuou como um fator “cegante” perante todas as informações do sistema de MEDO.

**Figura 6** — Fotografia do Momento do Assalto



Fonte: David Barbosa, Globo (2019, acesso em 09/11/23)

Este é o momento em que o criminoso sacou a arma. Notem como os estudantes não reagem com MEDO ou PÂNICO. O térreo do prédio estava com decorações em protesto contra a ditadura militar e uma das pessoas até se mostra totalmente relaxada e de braços cruzados pensando se tratar duma apresentação artística. A história do segurança Severino, assim como dos outros personagens, é apenas mais uma conjectura plausível do que houve. Porém, esta presunção errada por parte de muitos de se tratar de uma peça aconteceu de verdade.

**A terceira fase**, a da interpretação, é quando o fenômeno tenta ser entendido e racionalizado. Strong (1990) explica que esta é também a fase da moralização, onde propostas de ação começam a surgir para tratar o caos e restabelecer a ordem dentro das possibilidades socio-culturais percebidas pelo indivíduo. Isto inclui, é claro, o condicionamento e o repertório cultural que um tem. No caso duma epidemia de MEDO, as pessoas vão se preparar para a ameaça. No caso duma epidemia de PÂNICO, as pessoas tentarão fugir do ambiente onde acreditam estar a ameaça imediata e presente. A diferença entre ambos pode ser sutil, pois a noção entre perigo imediato e não-imediato pode mudar. O CAOS pode ser ruim, mas a ORDEM proposta pode ser ainda pior na forma duma tirania ou

duma solução fraca para o CAOS. Durante o assalto ao Campus I da UEPB, por exemplo, as pessoas pensaram nas piores possibilidades e agiram de acordo com elas. Na época fazia pouco tempo que aconteceu o massacre em Suzano, e havia a expectativa em muitas pessoas de que mais massacres poderiam acontecer.

A jovem lembra do desespero dos colegas no local. “Na hora, quando eu entendi que eram tiros, eu pensei que era um massacre igual ao de Suzano (SP).  
— RIBEIRO, 2019.

O massacre de Suzano refere-se a um massacre feito na escola de Suzano em 13 de Março de 2019 por dois atiradores que também eram ex-alunos do colégio.

A partir da conclusão equivocada de que se tratava de um massacre, alguns alunos pensaram numa solução que no momento parecia ser adequada para um massacre: pular o prédio da UEPB, algo que acabou fraturando as pernas daqueles que fizeram isso (Pragmatismo Político, 2019, Acesso em 24/06/2023). Podemos ver aqui que nem sempre a solução (ORDEM) proposta para o problema é adequada. Neste caso, a fuga é interpretada como uma ação positiva e prazerosa em relação ao PÂNICO. Normalmente, o MEDO iria impedir tais pessoas de pularem, pois o medo de altura é natural em todos os humanos e o lugar onde um se imagina estar caindo é visto com grande carga emocional. Porém, o PÂNICO tomou prioridade do organismo como um todo, inibindo até mesmo o receio (MEDO) de pular, o qual foi encarado pelo sistema emocional do PÂNICO enquanto recompensador.

A onda de PÂNICO tende a ser pior na medida em que as pessoas envolvidas não conseguem assimilar o conteúdo ameaçador dentro de suas crenças e expectativas. Isto eleva ainda mais a necessidade de formar um bom repertório cultural para se blindar frente a ameaças externas. Em outras palavras: o que pode ser visto como CAOS para você pode ser ORDEM para mim, e vice-versa. Esta perspectiva de CAOS e ORDEM é alterada e ampliada conforme o repertório cultural da pessoa for diverso e refinado. Pessoas que conhecem situações de PÂNICO, seja de forma prática ou abstrata, podem ter mais chances de resistir e canalizar esta emoção do que pessoas que não conhecem.

Outro fato chama a atenção naquele evento. Há mais de uma matéria destacando fotos de um buraco de tiro na janela de uma das bibliotecas. Bibliotecas são ambientes preferenciais para aqueles com abertura à experiência (*openness*). Este traço tende a ter uma prevalência da emoção de BUSCA. Este tiro, que já foi destaque de algumas matérias, mostra o quanto que este tiro, naquele lugar em específico, abalou as emoções da Universidade e virou alvo de opiniões e moralismos por parte de diferentes pessoas. Partindo da premissa que a UEPB é composta em sua maioria de pessoas com traço de *openness*, isto coloca aquela Biblioteca num lugar de alta carga afetiva. Nota-se que não há muitas fotos de buracos de bala em outros lugares, mas aquela bala naquela janela foi uma marca na personalidade coletiva da UEPB. De acordo com os termos de Gosling (2002), a Biblioteca representa a identidade da UEPB.

Outro traço que pode ser característico da UEPB é o de Agradabilidade (*Agreeableness*), e que incita as emoções de DEVOÇÃO e tal como a Abertura à Experiência (*Openness*) ela também inibe a RAIVA. Tais traços e emoções, quando combinados, possuem uma repulsa à violência e à RAIVA. Num viés psicanalítico, a DEVOÇÃO e BUSCA são emoções conscientes e apreendidas dentro do auto-conceito da UEPB, enquanto que a RAIVA estava relegada ao inconsciente, seja por forma de inibição descritiva, seja por recalque. Aquele assalto representou para UEPB o mesmo que um evento traumático representaria para um paciente individual. Os alunos que não tinham o traço de *Openness* e nem de *Agreeableness* poderiam estar mais imunes aos efeitos traumáticos deste evento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ideias são assimiladas pelo indivíduo em seu corpo cibernético e elas podem perder ou ganhar relevância a depender dos valores e do estado emocional individual. O indivíduo, o grupo e o ambiente podem ser condutores destas ideias, sendo as pessoas supercondutoras de ideias, especialmente se estas pessoas ocupam algum lugar importante em termos de valores ou afeto, podendo ser um familiar, um amigo ou uma autoridade. Lugares e itens especiais também podem influenciar o indivíduo em maior ou menor grau.

Infelizmente, este trabalho não pôde responder perguntas de cunho empírico por não ter feito nenhuma pesquisa de campo. Procurei, no entanto, sedimentar a base para futuras pesquisas nesta área e que compreende o ego enquanto algo estendido no espaço e não apenas limitado ao seu corpo.

Ao tratar um indivíduo estamos tratando várias pessoas. O paciente/cliente em terapia é um nódulo numa rede social que pode se estender por toda a humanidade através da cultura.

Há um risco, no entanto, de nos identificarmos com a epidemia psicológica e vê-la enquanto algo “normal”. A economia psíquica pode agir para ajustar o auto-conceito do ego de modo a ajustá-lo ao estresse ambiental. Se este processo de ordenamento psíquico (análogo à segunda e terceira etapa da histeria coletiva) não trazer uma ordem adequada, pode ocorrer dum fenômeno descrito por Frankl no livro “Em Busca de Sentido” (1991) onde os prisioneiros se habituaram à banalidade do mal presente nos campos de concentração, tornando-se apáticos às atrocidades que eram cometidas todos os dias. Por exemplo: se assaltos ao Campus I da UEPB acontecessem todos os dias, os nativos daquele lugar poderiam se adaptar e normalizar aquilo de algum modo.

Este estado apático não foi dito em nenhum momento como “patológico” por Frankl por se tratar duma adaptação da psique. Mas ao que a psique está a se adaptar é a pergunta mais importante. Um pode argumentar que, na verdade, não seria o ambiente a fonte da patologia? Pois até agora definimos histeria coletiva e epidemias psicológicas como a invasão de caos a esquemas prévios. A adaptação, porém, pode ser igualmente nociva à alma humana. Aqui utilizo Frankl apenas para descrever este fenômeno da adaptação ao mal ao ponto dele se tornar banal. Este mesmo fenômeno poderia ser descrito pelos autores anteriores como uma inibição

de certas faculdades e processos. A economia psíquica tentará comprar de volta a ORDEM, custe o que custar. Neste processo, a solução pode ser pior do que o problema em si, se não for devidamente tratado com antecedência.

Certa vez, escrevi uma personagem da Mãe Natureza Sombria, responsável pela adaptação das espécies e pela seleção natural. E ela disse:

“Meus filhos se adaptam a tudo.”

Se os filhos da natureza podem se adaptar a tudo, quem seríamos nós e o que nos tornaríamos? Quem somos nós? O que é a humanidade? Saber o que é a natureza humana é o primeiro passo para entender quando a ORDEM vigente, com seus hábitos e crenças, se torna patológica. Seres humanos não são pautados exclusivamente pelo instinto e pela adaptação. Nós procuramos um lar e um sentido.

*Nós somos os homens ociosos  
Os homens empalhados  
Uns nos outros amparados  
O elmo cheio de nada. Ai de nós!  
Nossas vozes dessecadas,  
Quando juntos sussurramos,  
São quietas e inexpressivas  
Como o vento na relva seca  
Ou pés de ratos sobre cacos  
Em nossa adega evaporada*

*Figura sem forma, sombra sem cor  
Força paralisada, gesto sem vigor;*

*Aqueles que atravessaram  
De olhos retos, para o outro reino da morte  
Nos recordam – se o fazem – não como violentas  
Almas danadas, mas apenas  
Como os homens ociosos  
Os homens empalhados.*

— T. S. Eliot

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Alfred. **What Life Should Mean to You**. Unwin Books, 1932.
- BARBOSA, David. **Imagens Mostram Bandido Atirando e Pânico em Universidade da Paraíba**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/imagens-mostram-bandido-atirando-panico-em-universidade-da-paraiba-23565209>. Acesso em 09/11/23.
- CAMPBELL, Joseph. **The Portable Jung**. Penguin Books, Ontário, Canadá, 1976.
- FRANKL, Viktor. **Em Busca de Sentido**. Editora Vozes, 1ª Edição. 1991.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos, parte 1 e 2**. Editora Lafonte, 1ª Edição, 2014.
- GLASGOW. **Minimal Selfhood and the Origins of Consciousness**. Würzburg University Press, 2018.
- GOSLING, S. D., KO, S. J., MANNARELLI, T., e MORRIS, M. E.. **A room with a cue: personality judgments based on offices and bedrooms**. *Journal of personality and social psychology*, 82(3), 379–398. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.82.3.379>, 2002
- JONES, Timothy, et. al. **Mass Psychogenic Illness Attributed to Toxic Exposure at a High School**. New England, Estados Unidos, 2000.
- JOSEPH, Miriam. **O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica**. É Realizações, São Paulo, 2014.
- JUNG, Carl (et. al.). **O Homem e seus Símbolos**. 3ª edição, Rio de Janeiro, HarperCollins Brasil, 2016.
- KELLING e WILSON. **Broken Windows**. 2019. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/> Acesso em 11/05/2023.
- KENNETH e CHRISTIAN. **Selected Principles of Pankseppian Affective Neuroscience**. *Frontiers of Science*, vol 12. 2019.
- MILLER, George. **The Magical Number Seven, Plus or Minus Two: Some Limits on our Capacity for Processing Information**. Harvard University, *Psychological Review*, 63, 81-97. 1956.
- MONTAG C e DAVIS KL. **Affective Neuroscience Theory and Personality: An Update**. *Personal Neurosci*. 2018.
- ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. **Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias**. *Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12–16. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35>. (Acesso em: 13 out. 2023), 2020.

PANKSEPP, Jaak. **Affective neuroscience of the emotional BrainMind: evolutionary perspectives and implications for understanding depression.** 2010

PETERSON, Jordan. **Mapas do Significado.** É Realizações, São Paulo, 2018.

**Áudio registra tiroteio, gritos e correria de alunos da UEPB.** 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/audio-mostra-tiros-e-correria-de-alunos-da-uepb/>. Acesso em 16/06/2023.

**PM debocha de tiroteio em universidade: "por que não se defenderam com livros?".** Pragmatismo Político. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/pm-debocha-de-tiroteio-na-uepb.html>. Acesso em 24/06/2023

**Estudante e vigilante são baleados em tiroteio na UEPB.** 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/estudante-e-vigilante-sao-baleados-em-tiroteio-na-uepb>. Acesso em 19/11/2023

Jung to Live By - **Release your full potential: Genome VS Complexes.** 2022, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yo384Nc0Hww> Acesso em 24/06/2023.

Jung to Live By - **Neuropsychanalysis & IPSA - Prof. Mark Solms Seminar (+ Q&A).** Disponível em: <https://youtu.be/c-lexqfFf-M> (Acesso em 05/10/2023), 2022.

RIBEIRO, Érica. **Estudante baleada em assalto na UEPB relata pânico: 'Ninguém imaginava que era tiro'** | Paraíba | G1 (globo.com), 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/04/02/estudante-baleada-em-assalto-na-uepb-relata-panico-ninguem-imaginava-que-era-tiro.ghtml>. Acesso em 24/06/2023.

ROBSON, David. **Are we close to solving the puzzle of consciousness?** BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20190326-are-we-close-to-solving-the-puzzle-of-consciousness>. Acesso em 06/10/23.

SALINGAROS, Nikolas e SUSSMAN, Ann. **Biometric Pilot-Studies Reveal the Arrangement and Shape of Windows on a Traditional Façade to be Implicitly "Engaging", Whereas Contemporary Façades are Not.** *Urban Science*. 2020

SOLMS, M e J PANKSEPP. **The "id" knows more than the "ego" admits: neuropsychanalytic and primal consciousness perspectives on the interface between affective and cognitive neuroscience.** 2012

STRONG, Philip. **Epidemic Psychology, a model.** 1990

SUSSMAN, Ann e CHEN, Katie. **O que a Neurociência diz sobre Arquitetura Moderna.** Arch Daily, 2020  
[https://www.archdaily.com.br/br/948009/o-que-a-neurociencia-diz-sobre-a-arquitetura-moderna?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/948009/o-que-a-neurociencia-diz-sobre-a-arquitetura-moderna?ad_medium=gallery) (Acesso em 10/11/2023)

ULRICH, Roger. **View Through a Window May Influence Recovery from Surgery.** Revista Science, New York, 224. 420-1. 1984.